

Resenha sobre *Eu sou dinamite!* de Sue Prideaux

Djalma Lopes da Silva*

PRIDEAUX, Sue. *Eu sou dinamite!: a vida de Friedrich Nietzsche*. Trad. de Claudio Carina. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019, 440 p.

Com tradução assinada por Claudio Carina, *Eu sou Dinamite!* é o título da mais nova biografia sobre Friedrich Wilhelm Nietzsche, filósofo alemão que viveu entre os anos de 1844 e 1900. Aclamada pela crítica internacional como a melhor biografia já escrita sobre Nietzsche¹, a obra foi lançada no Brasil recentemente, através do selo Crítica, que pertence ao Grupo Planeta. Sua autora é a inglesa Sue Prideaux, que, além de biógrafa, é historiadora da arte e romancista. Prideaux é conhecida internacionalmente e já publicou livros que receberam prêmios importantes, como as biografias sobre o pintor norueguês Edvard Munch (1863-1944) e sobre o dramaturgo sueco August Strindberg (1849-1912)², artistas cujas obras teriam se inspirado, em certa medida, no pensamento filosófico nietzschiano. Munch, por exemplo, teria materializado essa influência pintando *O Grito* (1893), afirma Prideaux (p. 348).³ A propósito, o caráter fascinante e perturbador de Nietzsche será um dos temas mais destacados ao longo do texto, a começar pelo título da biografia, que não teria sido escolhido por acaso: “Eu sou dinamite!” teria o poder de chamar a atenção dos leitores, despertando certa curiosidade e algum incômodo. O título provocativo faz alusão à frase “Eu não sou um homem, sou dinamite”, que se encontra em *Ecce homo*, autobiografia escrita em 1888 e publicada postumamente. A frase é parte de um dos aforismos mais famosos de Nietzsche, no qual ele busca esclarecer o propósito de sua filosofia, para que jamais confundam ou cometam qualquer tipo de abuso com seu

* Doutorando em Filosofia pelo PPGF-UFRJ e professor do Instituto Federal Fluminense. Quissamã, RJ, Brasil. Contato: djalma.silva@iff.edu.br.

¹ O livro ganhou recentemente o Prêmio Hawthornden e está listado entre os finalistas dos Prêmios Cundill History e Rathbones Folio de 2019. Informações disponíveis em: <<http://www.sueprideaux.com/>>. Acesso em 29/05/2019.

² *Edvard Munch: Behind the Scream* ganhou o prêmio James Tait Black Memorial Prize; e *Strindberg: A Life* recebeu o prêmio Duff Cooper Prize (2012) e integrou a lista de finalistas dos Prêmios Samuel Johnson Prize (2012) e Sheridan Morley (2012). Informações disponíveis em: <<http://www.sueprideaux.com/>>. Acesso em 29/05/2019.

³ Apesar de não terem se conhecido pessoalmente, Munch também pintaria três retratos de Nietzsche: dois óleos (1906, 1906/1907) e um lápis sobre cartão (1905/1906). O pintor chamava estes retratos de “*ideal portraits*” pois que feitos a partir de fotografias do filósofo”. Cf. MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. *A pintura trágica de Edvard Munch: um ensaio sobre a pintura e as marteladas de Nietzsche*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5(1-2): 67-111, 1993 (editado em nov. 1994).

pensamento.⁴ Justamente por conta desse desejo do filósofo de não ser confundido, Prideaux não se furtará de tratar dos temas e dos conceitos nietzschianos que foram (e ainda são) alvos de apropriações indevidas. Ela abordará, por exemplo, as noções de *Apolo e Dionísio*, a questão da *morte de Deus*, e os conceitos de *amor fati*, *vontade de potência*, *além do homem*, *eterno retorno* e *niilismo*, que são considerados os mais complexos dentro da obra de Nietzsche e, conseqüentemente, também aqueles que foram alvos dos mais diversos tipos de equívocos interpretativos. Esses esclarecimentos são importantes para o leitor, pois, como bem apontou Oswaldo Giacoia, o filósofo alemão forjou “conceitos e figuras do pensamento que até hoje impregnam nosso vocabulário e povoam nosso imaginário político e artístico”.⁵ Não por acaso, tais conceitos tendem a ser tomados como os principais responsáveis por tornar Nietzsche um dos filósofos mais populares de todos os tempos.

Diferentemente de outras biografias, no entanto, Prideaux opta por uma abordagem menos filosófica desses conceitos em “*Eu sou dinamite!*”, o que pode causar certa frustração naqueles leitores que ansiavam por um texto rico em reflexões complexas sobre os temas mais famosos da obra nietzschiana. Aliás, esse tipo de abordagem se estende por toda a obra, uma vez que a autora dá destaque aos aspectos mais pessoais, mais íntimos da vida de Nietzsche, como sua dificuldade de se relacionar com as mulheres e os meandros do rompimento de sua amizade com o compositor alemão Richard Wagner (1813-1883). Essa estratégia de expor o quão *humano, demasiadamente humano* era o filósofo colaboraria para aproximá-lo de todos os tipos de leitores, sobretudo daqueles que não têm uma relação tão estreita com o *corpus* nietzschiano e pouco (ou nada) sabem sobre a existência desse homem que anunciou a “morte de Deus”⁶ e definiu a si mesmo como “dinamite”⁷. Não se trata, portanto, de um livro voltado exclusivamente para “especialistas acadêmicos”. Mais justo seria apontá-lo como uma obra introdutória, como uma boa opção para quem deseja realizar um primeiro contato com a vida e o pensamento filosófico de Nietzsche. Nesse sentido, há, por parte da autora, a preocupação com a apresentação de uma linguagem leve e acessível, o que não significa dizer que sua escrita seja simplória ou empobrecida, é bom ressaltar.

⁴ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é* (EH). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, “Por que sou um destino”, § 1, pp. 109-110.

⁵ Cf. GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche*. Coleção “Folha Explica”. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 11.

⁶ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência* (GC). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, “Livro III”, § 125, pp. 147-148.

⁷ *Ibidem*, EH, “Por que sou um destino”, § 1, p. 109.

O livro não é rebuscado, como já foi destacado, e também não é tão extenso, principalmente se o compararmos com outras biografias famosas sobre o filósofo, que, normalmente, são compostas por mais de um volume.⁸ A divisão em seções curtas (22 no total, fora os apêndices e algumas imagens) favorece a dinamicidade da leitura. Ao longo do texto, Prideaux se esforça em desconstruir os diversos equívocos interpretativos que circundam a filosofia de Nietzsche, como sua suposta aproximação com o antisemitismo, o nacionalismo e o nazismo. Assim como outros biógrafos, a autora defende que tais equívocos se devem, em grande medida, à apropriação indevida e à manipulação ideológica que Elisabeth, irmã mais nova de Nietzsche, teria feito de seus livros, correspondências e outros materiais. Após o colapso mental sofrido por Nietzsche em janeiro de 1889, quando estava em Turim (Itália), Elisabeth reivindicou judicialmente o direito sobre os escritos do irmão. Desde então, dedicou-se a manipular os textos de Nietzsche de modo a aproximá-lo dos ideais defendidos pelo *Reich* alemão, dos quais ela era uma fervorosa partidária (pp. 353-354/366). Além disso, Elisabeth teve a ousadia de reunir as anotações póstumas de Nietzsche, sem qualquer critério, e publicá-las num volume intitulado *A vontade de potência*, que seria, segundo ela, a obra capital do irmão (pp. 357/363-364). Para termos uma ideia dos efeitos negativos das ações de Elisabeth, na Primeira Guerra Mundial, 150 mil exemplares de *Assim falou Zaratustra* foram impressos em edições especiais de bolso e distribuídos aos soldados alemães no campo de batalha (p. 365). A manipulação dos livros publicados, bem como dos fragmentos póstumos e das cartas de Nietzsche só cairia por terra muito tempo depois de sua morte, em meados da década de 1960. Nessa época, foi publicada a edição crítica das obras completas de Nietzsche. Os italianos Giorgio Colli (1817-1979) eazzino Montinari (1928-1986) foram os grandes responsáveis pelo minucioso trabalho de reunir os manuscritos originais do filósofo, organizando-os de forma cronológica, sem qualquer tipo de manipulação.⁹

Prideaux também aborda outros temas que são considerados polêmicos. O primeiro deles envolve as acusações de que Nietzsche era misógino. A autora não nega a acusação. Pelo contrário, ela afirma que a misoginia de Nietzsche estaria relacionada, em grande

⁸ Cf. ANDLER, Charles. *Nietzsche: vida e pensamento* (3 volumes). Trad. de Regina Schöpke, Mauro Baladi e Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2016; JANZ, Curt P. *Friedrich Nietzsche: uma biografia* (3 volumes). Trad. de Marcus A. Hediger e Luís M. Sander. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

⁹ Atualmente, esse material pode ser encontrado nos formatos impresso e digital. A versão digitalizada está disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>. Acesso em 29/05/2019.

medida, à sua dificuldade em se relacionar com as mulheres, a começar por aquelas que lhe eram mais próximas, como sua própria mãe, Franziska, e sua já mencionada irmã, Elisabeth. Embora ambas tenham cuidado de Nietzsche após seu colapso mental, a convivência entre os três nunca teria sido harmoniosa, como demonstra Prideaux (pp. 222-223/353-354). Os constantes desentendimentos com as mulheres de sua própria família, somados a alguns contratempos e frustrações amorosas, teriam levado Nietzsche a desenvolver, pouco a pouco, certo ressentimento contra as mulheres. Esse sentimento, segundo a autora, teria se tornado mais evidente após a recusa de dois pedidos de casamento e o posterior rompimento de suas relações de amizade com Lou Andreas-Salomé (1861-1937), que é definida, no texto, como uma “*femme fatale* intelectual” (p. 194). Desde então, comentários irônicos e desrespeitosos sobre as mulheres teriam se tornado mais frequentes em seus escritos, como o famoso “Vais ter com as mulheres? Não esqueça o chicote!” de *Assim falou Zaratustra* (1883-1885).¹⁰ Prideaux, no entanto, ameniza essa aparente hostilidade destacando que os aforismos sobre as mulheres em *A gaia ciência* (1882) são claramente positivos e demonstram uma noção da “psicologia feminina” bastante avançada para aquela época (p. 203).

Outro tema bastante delicado que Prideaux discute, desde o início do texto, é a relação conturbada, repleta de altos e baixos entre Nietzsche e Richard Wagner. Segundo a autora, o compositor teria sido uma espécie de “pai-substituto” para Nietzsche (p. 116). Além de suprir necessidades afetivas, Wagner também teria influenciado sensivelmente o pensamento filosófico de Nietzsche, sobretudo em sua juventude. Essa influência é perceptível, por exemplo, em seu primeiro livro publicado, *O nascimento da tragédia* (1872), que foi dedicado ao compositor. Em sua autobiografia, Nietzsche afirma que não teria suportado sua juventude sem a música de Wagner, e que continuava procurando em vão em todos os campos da arte por “uma obra de fascínio tão perigoso, de uma infinitude tão doce e assustadora como o Tristão”.¹¹ Wagner aparece nos títulos de dois dos catorze livros do filósofo. O compositor também é a pessoa mais citada nos textos de Nietzsche, destaca Prideaux (p. 13). Todavia, a relação harmoniosa entre os autores não tardaria a se desestabilizar. A inauguração do teatro de Wagner em Bayreuth (1876) e a publicação de *Humano, demasiado humano* (1878), segunda obra de Nietzsche, dariam provas do esfriamento da amizade. Porém, o detalhe novo que Prideaux insere nessa questão que

¹⁰ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém* (ZA). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, “Das velhas e nova mulherezinhas”, p. 65.

¹¹ *Ibidem*, EH, “Por que sou tão inteligente”, § 6, pp. 44-45.

envolve o rompimento da relação de amizade entre Nietzsche e Wagner não tem nada a ver com divergências intelectuais. Pelo contrário, de acordo com a autora, o afastamento entre ambos estaria relacionado a um assunto íntimo. Secretamente, Wagner teria enviado uma carta ao Dr. Otto Eiser, médico de Nietzsche a época, levantando suspeitas de que os problemas de saúde apresentados pelo filósofo estariam relacionados a sua inapropriada conduta sexual. Ao descobrir isso, Nietzsche teria ficado revoltado e decidido romper definitivamente suas relações com Wagner (pp. 166-168).

Por fim, as questões que envolvem as suspeitas sobre quais seriam as verdadeiras causas do colapso mental sofrido por Nietzsche também são abordadas na biografia. Prideaux destaca a hipótese bastante conhecida de que esse triste evento no fim de sua vida teria sido consequência de uma sífilis mal curada na juventude. A autora, no entanto, não demonstra ser uma defensora dessa explicação. Prideaux afirma ter dúvidas de que Nietzsche fosse realmente portador de sífilis. Para ela, é possível que o filósofo tenha sido afetado por algum tipo de doença ou transtorno neurológico, afinal de contas, sua saúde sempre foi “precária e devastadora” (p. 29). Nietzsche passou a maior parte de sua vida sofrendo com algum problema de saúde. Desde a infância, ele sofria com longas e angustiantes “crises de dores de cabeça, vômitos e muita dor nos olhos”, situação que podia “durar por uma semana inteira, durante a qual [...] precisava ficar deitado num quarto completamente escuro” (p. 29). Essa condição, no entanto, nunca o impediu de produzir seus livros. Inclusive, muitos dos seus escritos são apontados pelo próprio filósofo como resultantes de períodos de superação. É o caso, por exemplo, de *Aurora* (1881), que seria um de seus dois escritos mais pessoais (o outro é *A gaia ciência*)¹² e que teria surgido em uma época de grave e dolorosa enfermidade, quando Nietzsche fora desenganado pelos médicos e decidira viver isolado, em meio a todo tipo de privações, já que mal conseguia ler e escrever. Apesar de tudo, afirma não ter se deixado abalar por conta da saúde frágil, ao contrário, manteve-se sempre seguro de si e em paz consigo mesmo.¹³

Essa disposição para enfrentar e superar todas as dificuldades que a vida lhe teria reservado, sem, no entanto, deixar de amá-la e afirmá-la com todas as suas forças, é o que podemos depreender dos livros de Nietzsche. A nosso ver, essa seria a característica mais marcante desse homem demasiadamente humano, cujos pensamentos teriam um poder

¹² Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Despojos de uma tragédia*. Trad. de Ferreira da Costa. Lisboa: Relógio D'Água, 1944, “CXVII – AO PROFESSOR CARLOS KNOTZ”, p. 284.

¹³ *Ibidem*, “CVI – A HIPÓLITO TAINE”, p. 262.

tão devastador quanto o de uma dinamite. Ao mesmo tempo, esse também seria o aspecto mais intrigante e sedutor de sua obra, pois o contato com a filosofia nietzschiana nos leva ao seguinte questionamento: como foi possível esse homem pensar sobre questões tão complexas diante de tanta dor e sofrimento? Em *Eu sou dinamite!*, Prideaux se esforça para nos oferecer uma possível resposta para essa inquietação. Isso significa que suas considerações satisfarão a todos? Quem vai saber. Consenso é o que menos se espera quando o assunto é o filósofo que escreveu “um livro para todos e para ninguém”.¹⁴ De todo modo, o que se pode afirmar é que *Eu sou dinamite!* trata-se de um relato honesto que nos ajuda a compreender de forma leve e agradável a enigmática vida do “mestre do eterno retorno”¹⁵. Talvez por isso a biografia produzida por Prideaux tenha sido definida pela imprensa internacional como uma obra esplêndida, vibrante, comovente, enfim, como um escrito que daria muito orgulho a Nietzsche.¹⁶

¹⁴ “Um livro para todos e para ninguém” é o subtítulo de *Assim falou Zaratustra*.

¹⁵ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo* (CI). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, “O que devo aos alemães”, § 5, p. 107.

¹⁶ “Esta é a biografia que Friedrich Nietzsche tem clamado desde o dia em que perdeu a razão e abraçou um cavalo em uma praça de Turim, em 1889. Prideaux traz uma luz calma e constante para suportar o mais incandescente dos poetas-filósofos, com resultados esclarecedores”. – THE GUARDIAN.

“Livro esplêndido. Um relato maravilhosamente escrito, e muitas vezes comovente, de uma vida dedicada à conquista da grandeza intelectual e à exploração das condições para o seu florescimento. Nietzsche ficaria orgulhoso...” – THE FINANCIAL TIMES.

Informações disponíveis em: <<https://www.planetadelivros.com.br/livro-eu-sou-dinamite/298511>>. Acesso em 29/05/2019.